



LIMA DA SILVA, A. J.

VIDA, ARTE E DEVIR: A VIDA COMO FENOMENO ESTÉTICO EM NIETZSCHE

Antonio Joel Lima da Silva¹

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2023.3.1.7649>

RESUMO: Este artigo busca justificar, a partir de *O Nascimento da Tragédia*, a famosa frase de Nietzsche que diz: “só como fenômeno estético a existência e o mundo justificam-se eternamente”. Nesse sentido, traçaremos um caminho com dois momentos: 1) a exposição dos princípios apolíneo e dionisíaco como impulsos naturais criadores da arte trágica. Este primeiro momento traz a importância de se compreender o movimento antagônico e conciliador que envolve tais princípios, bem como demonstrar que os gregos criaram a tragédia com objetivo de suportar os horrores da vida; o segundo momento traça um parâmetro comparativo entre os conceitos nietzschianos de a vida, a arte e o devir. Pretendemos com isso, dizer que a vida é, para Nietzsche, devir, e o que confirma tal proposição é o próprio modo em que Nietzsche vê a vida: como uma luta entre forças opostas, ou seja: como vontade de poder. Assim, o devir seria o que, também, definiria o movimento da arte através da dinâmica alternante dos impulsos apolíneo e dionisíaco.

Palavras-chave: Arte. Devir. Vida. Dionisíaco. Apolíneo.

ABSTRACT: This article seeks to justify, from *The Birth of Tragedy*, Nietzsche's famous phrase that says: "only as an aesthetic phenomenon can existence and the world be eternally justified". In this sense, we will trace a path with two moments: 1) the exposition of the Apollonian and Dionysian principles as natural impulses creators of tragic art. This first moment brings the importance of understanding the antagonistic and conciliatory movement that involves such principles, as well as demonstrating that the Greeks created tragedy with the objective of enduring the horrors of life; the second moment traces a comparative parameter between the nietzschean concepts of life, art and becoming. With this, we intend to say that life is, for Nietzsche, becoming, and what confirms this proposition is the very way in which Nietzsche sees life: as a struggle between opposing forces, that is: as a will to power. Thus, becoming would also define the movement of art through the alternating dynamics of Apollonian and Dionysian impulses.

Keywords: Art. Becoming. Life. Dionysian. Apollonian.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor da Secretaria de Estado da Educação do Pará (SEDUC-PA). E-mail: antoniojoel167@gmail.com



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é expor, a partir de *O Nascimento da Tragédia*, como Nietzsche descreve a arte grega da tragédia a partir de uma elucidação dos impulsos apolíneo e dionisíaco. Dessa forma, queremos justificar a famosa frase de Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia* que diz: “[...] só como fenômeno estético podem a existência e o mundo justificar-se eternamente”. Em outras palavras, viver na época trágica dos gregos só era possível se artisticamente.

Assim, esta proposição de Nietzsche compõe nosso problema, pois queremos expor como esse modo de vida é correspondente ao que Nietzsche chama de guerra de forças opostas ou vontade de poder e ao devir. Devir, aliás, será o conceito norteador para relacionarmos vida e arte como composições dinâmicas e alternantes. É nosso objetivo, também, demonstrar como a arte trágica pode, a partir de sua natureza dupla (apolínea e dionisíaca), ser a forma de arte que mais afirmou a vida.

Nesse sentido, traçaremos um caminho que possui dois momentos: 1) a exposição dos princípios apolíneo e dionisíaco como impulsos naturais criadores da arte trágica. Além disso, este primeiro momento traz a importância de se compreender o movimento antagônico, alternante e conciliador que envolve tais princípios, bem como demonstrar que os gregos criaram a tragédia com objetivo de suportar os horrores da vida; o segundo momento deste trabalho traça um parâmetro comparativo entre a vida, a arte e o devir a partir das respectivas concepções de Nietzsche. Pretendemos com isso, dizer que a vida é, para Nietzsche, devir, e o que confirma tal proposição é o próprio modo em que Nietzsche vê a vida: como uma luta entre forças opostas, ou seja: como vontade de poder.

Assim, o devir seria o que, também, definiria o movimento da arte através da dinâmica alternante dos impulsos apolíneo e dionisíaco. Por fim, a arte seria exposta também como um processo de criação fisiológico, pois o sonho e a embriaguez seriam seu estado prévio, sem os quais, a própria arte seria impossível de ser criada.



2 OS PRINCÍPIOS APOLÍNEO E DIONISÍACO

Em *O Nascimento da Tragédia* Nietzsche descreve a arte como sendo resultado da dinâmica que alterna dois princípios artísticos, considerados por Nietzsche como impulsos da natureza, quais sejam: apolíneo e dionisíaco. Nesse caso, o movimento alternante que envolve estes dois princípios resultaria na arte trágica ou a tragédia ática. Ora, o que Nietzsche tenta dizer com isso é que a arte na época trágica dos gregos não era (como nos dias atuais) uma ferramenta do homem, ou uma criação advinda dele mesmo, como se fosse um produto de sua racionalidade.

Nesse sentido, a arte seria um impulso natural em que o homem teria acesso através dos princípios apolíneo e dionisíaco. Isso significa que a arte está sendo pensada em uma perspectiva natural, ou seja, arte estaria unindo homem e natureza, dando-nos, assim, subsídios para justificar este trabalho, que traça um debate que pensa a vida como um fenômeno artístico, em outras palavras: queremos dizer, a partir de Nietzsche, que a vida só é justificável como arte, e para tal propósito, a compreensão de como agem os princípios apolíneo e dionisíaco é indispensável.

Segundo Roberto Machado (2005), a cultura grega atua como uma espécie de referência capaz de promover pretensamente uma renovação cultural em seu tempo. Por essa razão que a tendência de Nietzsche em retornar aos gregos antigos não pode ser interpretada de forma simples, pois, a volta aos gregos é parte inerente da crítica nietzschiana à modernidade, ao homem reverberado e à cultura de massa. (MACEDO, 2005)

Analisando de outra forma, os gregos antigos e sua cultura, mais especificamente sua arte, seriam uma referência cultural sadia capaz de se opor - enquanto exemplo de afirmação da vida - a toda cultura moderna de massa que, segundo diz Nietzsche, possui como principal expressão o cristianismo. (GC/CI)

Assim sendo, trataremos de entender os motivos deste retorno nietzschiano à cultura grega antiga, que, segundo Weber (2011), é entendido como uma dívida de Nietzsche para com os gregos, uma vez que esse olhar pra a cultura grega manteve-se em toda sua produção



LIMA DA SILVA, A. J.

intelectual. No entanto, é necessário compreender que o foco de Nietzsche ao voltar seus olhos aos gregos antigos está na sua arte, ou melhor, está em sua maneira de viver artisticamente, conforme segue: “A mais bem sucedida, a mais bela, a mais invejada espécie de gente até agora, a que mais seduziu para o viver, os gregos – como? Precisamente eles tiveram *necessidade* da tragédia? Mais ainda – da arte? Para que – arte grega?” (NIETZSCHE, 1992, p. 13-14)

Neta passagem da tentativa de autocrítica, Nietzsche expõe claramente que viver para os gregos só era possível como arte. Esse modo de viver, no entanto, é o que justifica a necessidade de retorno aos gregos ou à época trágica dos gregos. Retomando Roberto Machado (2005), logo, é correto pensar que discutir a vida grega trágica é, sobretudo, compreender como se dava a arte trágica, justificando, assim, nosso adentrarmos na questão da arte grega ao explanar os dois impulsos naturais que, segundo Nietzsche, formaram/geraram toda arte trágica.

Assim, uma primeira forma de compreendermos a importância destes dois princípios está na seguinte descrição:

A primeira é uma explicação da origem, composição e finalidade da arte trágica grega. A base dessa teoria da tragédia são os conceitos de apolíneo e dionisíaco, elaborados a partir das categorias metafísicas de essência e aparência ou, mais precisamente, da dualidade schopenhaueriana vontade e representação. (MACHADO, 2005, p. 07)

É importante esta ligação inicial entre Nietzsche e Schopenhauer, uma vez que entender a influência que Nietzsche sofre da teoria schopenhaueriana do mundo como vontade e representação é entender também como funcionam os princípios apolíneo e dionisíaco em sua relação com o mundo e, principalmente, com o homem, a partir da compreensão schopenhaueriana da vontade (em Nietzsche descrita através do impulso dionisíaco) e representação (descrita como apolíneo). (MACHADO, 2005)

Para Nietzsche (1992, p. 27), “[...] o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do apolíneo e do dionisíaco, da mesma maneira como a procriação depende da dualidade dos sexos, em que a luta é incessante e onde intervêm periódicas reconciliações.”



LIMA DA SILVA, A. J.

O autor de Zarathustra deixa claro um primeiro aspecto da relação entre o apolíneo e o dionisíaco: sua dinâmica de criação. Para Nietzsche, destes dois princípios depende toda ação criativa, assim como a ato de procriar envolve sempre duas partes opostas, ou dois sexos opostos, assim é a relação entre o apolíneo e o dionisíaco.

Um ponto importante para se analisar acerca da supracitada fala de Nietzsche é que quando o filósofo refere-se a esta relação ele usa o termo dualidade, isto é, tal relação gera um movimento dual, um ajuntamento de lados antagônicos. Ora, o que deve ser esclarecido desde já é a forma alternada em que estes dois princípios agem. Assim, não se trata de um domínio de um em detrimento do outro, mas u caminhar lado a lado, conforme segue:

A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico, a apolínea, e a arte não-figurada da música, a de Dionísio: ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum "arte" lançava apenas aparentemente a ponte; até que, por fim, através de um miraculoso ato metafísico da "vontade" helênica, apareceram emparelhados um com o outro, e nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia ática. (NIETZSCHE, 1992, p. 27)

O criar exige a reconciliação entre ambos os princípios. Nesse caso, a próprio tragédia ática é fruto dessa relação antagônica ou luta entre os impulsos artísticos apolíneo e dionisíaco. Cada impulso é a representação da vontade helênica e, conseqüentemente, a representação dos deuses Apolo e Dionísio. O primeiro seria o deus da arte figurativa, o deus do sonho, da medida, da plasticidade, das formas e dos sonhos. Já Dionísio seria o deus do vinho, do informe, da desmedida e da embriaguez. (NIETZSCHE, 2005)

Nietzsche diz no início de *O Nascimento da Tragédia* que seria um ganho para a ciência estética “[...] se chegarmos não apenas à inteligência lógica mas à certeza imediata da intuição de que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do apolíneo e do dionisíaco[...]”. Esta proposição serve-nos muito mais que um simples preâmbulo, ela nos dá um vislumbre de como Nietzsche considera a arte grega em um estado fisiológico.



LIMA DA SILVA, A. J.

O que é importante percebermos neste momento é a forma como Nietzsche direciona a arte grega, pois, quando ele diz que o ganho é maior ao distanciarmos a arte ou ciência estética de conceituações, métodos e padrões da lógica e encaramos a arte a partir de um ponto de vista que considere os dois polos artísticos apolíneo e dionisíaco; ele está propondo algo muito maior, profundo e abrangente que qualquer concepção racional do que é seria a arte.

Em outras palavras: Nietzsche está pondo uma base natural ou fisiológica à arte, pondo-a em um campo de perspectiva que permita uma compreensão não-racional ou lógica da arte. Entretanto, isso não pode significar que Nietzsche tira da arte sua validade metodológica ou procedimental, o que Nietzsche está promovendo é uma ruptura com a concepção artística moderna que pesa a arte como ferramenta estética, ou como algo fora do homem, ou mesmo rompe com um pensar da arte enquanto produto da razão. Ora, ao pensar na arte a partir de dois estados fisiológicos (sonho e embriagues) Nietzsche valida-a para a vida. (PERREIRA, 2015)

A importância de se compreender ou esclarecer esta validação artística da vida é crucial para o desenvolvimento deste trabalho, pois, municiados desta compreensão, já nos precavemos de erros interpretativos que não conseguem relacionar a dinâmica de criação artística e o devir da vida, logo, sem essa compreensão prévia não seria possível compreender o porquê, para Nietzsche, a vida só é justificável se como fenômeno artístico.

Em Nietzsche, há uma profunda conexão entre o processo de simbolização das formas artísticas e a força, a potência da vida que é a vontade (*der Wille*), nossa única verdade: “Nós temos a arte a fim de não morrer de verdade”, escreveu o filósofo em seus Fragmentos póstumos. A ética e a estética convergem de forma essencial, porque ambas se constroem a partir deste “traço de união entre carne e espírito”, entre a força e a forma, que esta filosofia pioneira veio nos revelar. (CASTRO, 2022, p. 128)

Posto isso, nosso caminho é claro: mostrar como a arte justifica a vida por meio da dinâmica criativa dos impulsos apolíneo e dionisíaco. Assim, vários pontos nos são dados por Castro em direção ao entrelaçamento que envolve arte e vida através dessa dinâmica da arte trágica de Apolo e Dionísio. Primeiramente, é necessário compreender que a arte no sentido



LIMA DA SILVA, A. J.

trágico é totalmente voltada para o corpo e seus impulsos, ou melhor, para a vida que se firma sempre através da arte trágica. Não é o caso de dizer que os gregos áticos ignoravam a morte, mas, segundo Nietzsche, através da arte eles suportavam o fato de um dia morreriam. Por isso, criam os deuses do Olimpo e a tragédia para suportarem o peso da existência e a realidade da morte.

Os deuses gregos, com a perfeição com que nos aparecem já em Homero, não podem ser concebidos como frutos da indignância e da necessidade: tais seres foram idealizados certamente pelo ânimo estremecido pela angústia: uma fantasia genial projetou suas imagens no azul, mas não para separar-se da vida. Nestas fala uma religião da vida, não do dever, ou da ascética, ou da espiritualidade. Todas estas figuras respiram o triunfo da existência, um exuberante sentimento de vida acompanha seu culto. Não fazem exigências: nelas está divinizado o existente, não importando se é bom ou mau. [...] O grego conheceu os horrores e os espantos da existência [Daseins], mas, para poder viver, os encobriu. (NIETZSCHE, 2005, p. 60/DW/VD, §2)

Dois motivos levaram, segundo Nietzsche, os gregos criarem os deuses: 1) para exaltar e afirmar a existência ou a vida e 2) para encobrir seus temores ou o peso da morte iminente. Este primeiro motivo, leva Nietzsche a dizer que a necessidade que levou os gregos a criarem os deuses é uma necessidade que favorece a própria vida, ou, como diz Nietzsche, uma religião da vida. Uma religião da vida seria o absoluto contrário do que se entende como religião nos dias atuais, ou com qualquer outro tipo de movimento espiritual que almeja o além da vida ou o pós vida, como é o caso da espiritualidade ascética, ou o próprio niilismo. O segundo motivo para a criação dos deuses é a exaltação da vida em detrimento da morte certa.

Nesse sentido, exaltar a vida já teria como consequência a não exaltação de um pós vida, um além, ou da morte. Assim, toda arte olímpica ou a própria tragédia são criados como suporte à vida em detrimento dos horrores e temores do existir, conforme diz Nietzsche: “Agora se nos abre, por assim dizer, a montanha mágica do Olimpo e nos mostra suas raízes, O grego conheceu e sentiu os temores e horrores do existir: para que lhe fosse possível de algum modo viver, teve de colocar ali, entre ele e a vida, a resplendente criação onírica dos olímpicos.” (NIETZSCHE, 2005, p. 36)



LIMA DA SILVA, A. J.

Tem-se, então, aqui dois pontos interessantes a serem analisados e relacionados: 1) os motivos que levaram à criação dos deuses - que se divide em dois: exaltação/afirmação da vida e afastamento da iminência da morte como suporte à vida -, e 2) o próprio ato criativo da arte grega como um todo. Até aqui dissemos que os gregos criaram os deuses e a arte trágica, entretanto, Nietzsche, em *O Nascimento da Tragédia*, deixa claro que toda arte grega (e tudo que ela produziu, p. ex.: mito, os deuses olímpicos e a tragédia) advém dos dois impulsos da natureza Apolíneo e Dionisiaco. Assim, segundo Barreto (2011), nem arte e nem os deuses do Olimpo são criações individuais do homem, todavia, são criações da vontade helênica e seu objetivo é atrair/seduzir os seres à vida:

O mundo dos deuses olímpicos, que Nietzsche descreve como criação da “vontade helênica” e não de indivíduos em particular, atua de modo a prender suas criaturas à vida. A própria “vontade helênica” cria a arte, gera o mundo dos deuses olímpicos como uma projeção de belas aparências que encobrem o aspecto terrível da vida e assim a tornam mais desejável, mais sedutora. (BARRETO, 2011, p. 19)

Dessa forma, entra em debate o segundo ponto mencionado acima: o ato criativo da arte grega. Assim, este ato já se apresenta aqui como a vontade helênica. Esta seria o próprio impulso natural que forma o mundo e artístico que antecede até mesmo os impulsos apolíneo e dionisiaco. Ora, Nietzsche esclarece isso já nas primeiras linhas de *O Nascimento da Tragédia*, ao dizer que toda arte grega é oriunda de dois impulsos naturais: Apolíneo e Dionisiaco. Isto está bastante claro, entretanto, como afirma Barreto (2011), trata-se da própria vontade helênica. E sobre a vontade helênica, Nietzsche diz, em *A Visão Dionisiaca do Mundo*, que ela está em uma ordem natural que antecede toda a arte grega. Isto é, se a arte trágica é formada a partir do antagonismo dinâmico dos impulsos apolíneo e dionisiaco, em uma ordem basilar, a vontade helênica seria o impulso natural que levaria a manifestação da arte através dos princípios apolíneo e dionisiaco.

Isso evidencia, claramente, a influência de Schopenhauer sobre Nietzsche. Sendo assim, deve-se antepor que este é o Nietzsche jovem, e, portanto, ainda estava sob a influência de Schopenhauer e Wagner. Posto isso, é possível recapitular o seguinte: o debate efetuado até este momento centralizou-se na questão da arte grega como afirmadora da vida,



LIMA DA SILVA, A. J.

justificando a volta de Nietzsche aos gregos áticos, principalmente, aos princípios apolíneo e dionisíaco. Desse modo, este primeiro debate foi construído em volta três pontos essenciais, a saber, debatemos os dois motivos que levaram os gregos a criarem os deuses e a arte trágica como um todo, e, em última análise, foi descrito como o próprio ato criativo da arte é entendido por Nietzsche como a vontade helênica. Dessa forma, devemos seguir este debate dando uma resposta para a proposição nietzschiana que diz: a vida só é possível como arte.

3 VIDA DEVIR E ARTE

Nesta seção, trataremos de relacionar arte e vida, segundo a concepção nietzschiana para cada conceito, uma vez que já foi evidenciado a importância da arte grega na seção anterior, agora, pretendemos demonstrar o porquê, para Nietzsche, viver só é possível como arte. Em outras palavras: analisaremos o que é a vida para Nietzsche e, também, o que é a arte, para depois, relacionar ambos os termos. Desse modo, ainda usaremos a obra *O Nascimento da Tragédia*, para descrever como Nietzsche usa a arte como grande incentivadora da vida, a fim de subsidiar este debate e chegar ao objetivo proposto.

Assim, partimos de dois pressupostos: O primeiro encontra-se em FW/GC Nietzsche descreve a vida pela ótica da arte que – ou como fenômeno estético – torna a existência suportável (FW/GC 107). O segundo pressuposto diz: “a existência do mundo só se justifica como fenômeno estético” (NIETZSCHE, 1992, p. 18), Nietzsche disse isso em *O Nascimento da Tragédia*, após quatorze (14) anos de sua publicação, ao acrescentar um prefácio que ele denomina como uma tentativa de autocrítica. “Revido o que fizera em *O nascimento da tragédia*, revela ter ousado pensar a arte na perspectiva da vida. A questão metafísica – “que é a arte?” – coincide com a questão existencial – “qual o sentido da vida?” (DIAS, 2015, p. 228)

Foi dito aqui que os gregos criaram, em *O Nascimento da Tragédia*, os deuses e a própria arte como uma espécie de suporte estético para embelezar ou sublimar o peso da existência. Isso por si só já nos dá elementos o suficiente para compreendermos que viver só é possível



LIMA DA SILVA, A. J.

se artisticamente. Entretanto, devemos ter em mente que Nietzsche não está se referindo a qualquer modo de vida, ou qualquer modo de arte. Assim, nossa tarefa aqui é tentar descrever o que é vida para Nietzsche e, da mesma forma, o que é arte?

Sobre o que seria a vida para Nietzsche, pode-se dizer que

[...] tudo é um devir, mudança constante. Conseqüentemente a vida como parte integrante deste mundo também é mudança. Com isso, não existe essência ou fundamento, ou ainda, metafísica. Para o filósofo a metafísica ou como ele chama, fuga para o além, é a perspectiva de quem não ama esta vida, é a perspectiva de quem a nega. Não precisa-se afirmar imanência deste mundo, pois é a única existente, uma vez que para o pensador a transcendência não existe. A não ser no imaginário daqueles que insistem em propor um mundo das ideias, como sendo uma instância paralela a realidade sensível. (DO NASCIMENTO; AMORIM, 2017, p. 115)

A vida como devir significa muito do que pensa Nietzsche em toda sua filosofia. Ora, se devir é um conceito de Heráclito para a transitoriedade do mundo que configura-se como movimentos constituído de tensões contrária (SANTOS, 1990, p. 04) Logo, é razoável relacionarmos a transitoriedade da vida em Heráclito com todo movimento da vontade de poder em Nietzsche. Isso é possível porque se considerarmos que para Nietzsche a vida trata-se da luta entre impulsos contrários, como p. ex., o apolíneo e o dionisíaco, na arte, e ao pensar o mundo ele “[...] não pensa e ‘coisa’ ou ‘substancia’, mas em tensas relações entre ‘dinâmicos quanta’ diante de outros ‘dinâmicos quanta’, entre forças e entre diferentes vontades de poder.” (PASCHOAL, 1999, p, 51)

Desse modo, o mundo é o devir, é transitoriedade, é movimento, é, enfim, vontade de poder. Entretanto, se mundo é vontade de poder, ou é uma dinâmica entre forças opostas, logo a própria vida também estaria definida dessa mesma forma. Em *Zaratustra*, no parágrafo intitulado “A Vitória Sobre Si Mesmo”, Nietzsche diz: “Onde quer que encontrasse o que é vivo, encontrei a vontade de domínio, até na vontade do que obedece encontrei a vontade de ser senhor” (ZA § 175) A vida então, para Nietzsche, é uma forma de luta entre forças opostas, mas, sobretudo, que são transitórias. Em tudo, segundo Nietzsche, há uma vontade que busca o domínio, seja uma vontade fraca, ou uma vontade forte. Assim, a vida seria algo totalmente diferente do que a tradição metafísica imprimiu em suas doutrinas suprassensíveis, e, nela,



LIMA DA SILVA, A. J.

nada de eterno ou meta-mundano haveria, ao contrário, o que há no mundo e na vida é o pleno devir.

Em outras palavras:

A vida é vontade de poder e surge como expansão e crescimento, como resistência por meio de um enfrentamento entre os impulsos, onde cada desejo quer manifestar sua vitalidade. Deste modo, a vida como participe do mundo brota enquanto resultado da expansão deste poder e, conseqüentemente o homem é impulsionado pelo desejo de externalizar este poder. (DO NASCIMENTO; AMORIM, 2017, p. 117)

A vida e o mundo são, portanto, externalizações da vontade de poder, logo, o homem também é vontade de poder. “A vontade de potência surge pela primeira vez ligada à ideia de vida quando Nietzsche a denomina como doutrina da vida. É a partir desta vontade que o homem e o mundo se move.” (DO NASCIMENTO; AMORIM, 2017, p. 116) Assim, ao se ocupar brevemente em tentar compreender o que é a vida para Nietzsche, logo, vemos o caminho para o fim deste debate ser construído. A vida, ou a vontade de poder seria então uma espécie de ponto de partida ou ponto referencial para lograr uma compreensão satisfatória da filosofia de Nietzsche. De que modo isso é possível?

Ora, Segundo Deleuze (1994, p. 18) a filosofia de Nietzsche é afirmativa, ela afirma a vida. Deleuze pensa a filosofia antes de Nietzsche como uma espécie de movimento negativador da vida, segundo Deleuze (1994), a filosofia antes de Nietzsche seria uma força em que a vida usava para se desenvolver. E como a filosofia era caracterizada pelo busca dos valores superiores, assim, a vida a partir da máscara da filosofia, era basicamente um movimento que desenvolvia-se contra si mesmo. Conforme segue:

Portanto, era fatal que a filosofia só se desenvolvesse na história degenerando, voltando-se contra si, deixando-se prender à sua máscara. Em vez da unidade da vida activa e de um pensamento afirmativo, vemos o pensamento dar-se por tarefa julgar a vida, de lhe opor valores pretensamente superiores, de a medir com esses valores e de a limitar, a condenar. Ao mesmo tempo que o pensamento se torna assim negativo, vemos a vida depreciar-se, deixar de ser activa, reduzir-se às suas formas mais fracas. (DELEUZE, 1994, p. 19)



LIMA DA SILVA, A. J.

A filosofia de Nietzsche, então, seria um movimento activo, que valoriza a vida, que busca tirar da vida o peso dos valores superiores e inalcançáveis. Logo, dizer que a filosofia de Nietzsche centraliza-se na naturalização da própria vida é dizer que o debate sobre o que é vida e o que é viver é central para o autor de *Zaratustra*. Mas como a questão da arte entra, então, neste debate? O ponto possível de coerência entre vida e arte é o próprio devir. A arte estaria também condicionada ao movimento de transitoriedade a partir dos impulsos naturais apolíneo e dionisíaco. Como isso se dá é o que tentaremos demonstrar.

Primeiramente, devemos atentar para o papel de cada impulso dentro do processo de criação da arte trágica. Analisaremos os dois princípios a partir do que diz Roberto Machado diz, para depois relacionarmos ambos com a arte e o devir:

O apolíneo é o princípio de individuação, um processo de criação do indivíduo, que se realiza como uma experiência da medida e da consciência de si. E se Nietzsche dá a esse processo o nome de apolíneo é porque, para ele, Apolo — deus da beleza, cujos lemas são “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em demasia - é a imagem divina do princípio de individuação. O que se pode compreender pelas duas propriedades que ele encontra em Apolo: o brilho e a aparência. Apolo é o brilhante, o resplandecente, o solar; ao mesmo tempo, conceber o mundo apolíneo como brilhante significa criar um tipo específico de proteção contra o sombrio, o tenebroso da vida: a proteção pela aparência. A bela aparência apolínea é uma ocultação. Os deuses e heróis apolíneos são aparências artísticas que tornam a vida desejável, encobrendo o sofrimento pela criação de uma ilusão. Essa ilusão é o princípio de individuação. Assim, o indivíduo, essa criação luminosa e aparente, é o modo apolíneo de triunfar do sofrimento pela ocultação de seus traços. (MACHADO, 2005, p. 177-178)

Sobre o princípio dionisíaco Machado diz:

Já o dionisíaco, tal como se dá no culto das bacantes — cortejos orgiásticos de mulheres, vindas da Ásia, que, em transe coletivo, dançando, cantando e tocando tamborins, nas montanhas, à noite, em honra de Dioniso, invadiram a Grécia —, em vez de um processo de individuação, é uma experiência de reconciliação das pessoas umas com as outras e com a natureza, uma harmonia universal e um sentimento místico de unidade. A experiência dionisíaca é a possibilidade de escapar da divisão, da individualidade, e se fundir ao uno, ao ser; é a possibilidade de integração da parte à totalidade. Ao mesmo tempo, o dionisíaco significa o abandono dos preceitos apolíneos da medida e da consciência de si. Em vez de medida, delimitação, calma, tranqüilidade, serenidade apolíneas, o que se manifesta na experiência



LIMA DA SILVA, A. J.

dionisiaca é a hybris, a desmesura, a desmedida. Do mesmo modo, em vez da consciência de si apolínea, o dionisiaco produz a desintegração do eu, a abolição da subjetividade, o entusiasmo, o enfeitamento, o abandono ao êxtase divino, à loucura mística do deus da possessão. (MACHADO, 2005, p. 178)

O princípio apolíneo figura como a parte criadora do homem que busca a medida, a beleza, e a consciência de si mesmo, a partir dos lemas: conhece-te a ti mesmo e nada em demasia. Nesse sentido, o processo criativo gerado pelo princípio apolíneo é, segundo Machado, aquilo que por via do brilho, da aparência e das belas formas possibilitava aos gregos suportarem o lado sombrio da vida. Ao passo que o princípio dionisiaco, é uma experiência de reconciliação. Mas o que ou quais partes estão se reconciliando? Segundo Nietzsche, em *O Nascimento da Tragédia*, o movimento antagônico de dinâmica alternante entre o impulso apolíneo e dionisiaco é um processo criativo duplo ou dualista. Isso significa que não há uma predominância de um em relação ao outro. A arte trágica é intrinsecamente apolínea e dionisiaca por natureza. Ou seja, se o apolíneo é o indivíduo, o dionisiaco é a quebra desse princípio e o que une a todos ao uno-primordial.

Sobre o princípio de individuação, Nietzsche diz:

Esse endeusamento da individuação, quando pensado sobretudo como imperativo e prescritivo, só conhece uma lei, o indivíduo, isto é, a observação das fronteiras do indivíduo, a medida no sentido helênico. Apolo, como divindade ética, exige dos seus a medida e, para poder observá-la, o auto-conhecimento. E assim corre, ao lado da necessidade estética da beleza, a exigência do "Conhece-te a ti mesmo" e "Nada em demasia", ao passo que a auto-exaltação e o desmedido eram considerados como os demônios propriamente tais da esfera não-apolínea, portanto como propriedades da época pré-apolínea, da era dos Titãs e do mundo extra-apolíneo, ou seja, do mundo dos bárbaros. (NIETZSCHE, 1992, p. 40)

Assim, é notório que quando pensados separadamente, os princípios são antagônicos, mas sem alternância. Isto é, quando um princípio sobressai-se do outro, temos, segundo Nietzsche, uma espécie de "lei individual" que contempla apenas o auto-conhecimento de si ou a medida de si. Entretanto, a quebra do princípio de individuação não se dá pelo domínio do seu oposto, o princípio dionisiaco, esse rompimento dá-se pela alternância entre ambos.



LIMA DA SILVA, A. J.

Bem como diz Nietzsche (1992, p. 41): “O desmedido revela-se como a verdade, a contradição, o deleite nasci-me das dores, falava por si desde o coração da natureza. Foi assim que, em toda parte em que o dionisíaco penetrou, o apolíneo foi suspenso e aniquilado.” Como observa-se, o princípio dionisíaco é, segundo Nietzsche, o que aniquila o apolíneo, mas no sentido de irromper com a verdade da própria natureza, i. e., homem e natureza agora estariam unidos em um estado fisiológico e artístico.

Adentra, agora, a este debate a questão da fisiologia da arte trágica. Em outras palavras: aquilo que seduziu Nietzsche e fez o filósofo admirar os gregos antigos é, ao mesmo tempo, o que faz com que a arte grega ática diferencie-se de toda arte posterior ou moderna - já que com a implantação da racionalidade socrática a arte posterior a tragédia ática caiu em decadência, e perdeu sua essência trágica (NIETZSCHE, 1992) -, e o caráter distintivo da arte trágica é a sua condição fisiológica. (PEREIRA, 2015)

Nesse sentido, o primeiro aspecto da arte trágica que revela seu caráter fisiológico é, segundo Pereira (2015), a exaltação à vida. Essa proposição vai de encontro a tudo que foi debatido durante toda esta discussão, a saber. Mas, para além da afirmação da vida, há ainda duas características que revelam a condição fisiológica destes dois princípios, a saber: o sonho (apolíneo) e a embriaguez (dionisíaco).

Estas duas condições biológicas, segundo Pereira, são também estados de êxtase. Nesse sentido, ambos os estados seriam condições prévias para a criação da arte. Ou como Dias (2015) descreve: “O sonho e a embriaguez são condições necessárias para que a arte se produza; por isso, o artista, sem entrar em um desses estados, não pode criar.” Para Nietzsche (1992) então, estes dois estados fisiológicos permitem com que a arte trágica diferencie-se de qualquer arte comum, contemplativa ou de uma ciência estética que tem por fio condutor a lógica.

O processo de criação a partir do sonho é, segundo Dias (2015), um processo de medida, i. e., a partir do sonho o artista impõe às forças cegas da natureza (ou à vontade) limites e mediações que são regidos por regras. Tais regras e limites permitem a formação de figuras e imagens. O sonho, portanto, tem como fundamento Apolo, “Símbolo de toda



LIMA DA SILVA, A. J.

aparência, de toda energia plástica, que se expressa em formas individuais, Apolo é o magnífico quadro divino do princípio de individuação e a mais bela expressão do repouso do homem em seu invólucro de individualidade.” (DIAS, 2015, p. 228).

Já a embriaguez, como visto anteriormente, é advinda do princípio dionisiaco, que por sua vez é o impulso que aniquila a figuração apolínea e o princípio de individuação, permitindo ao homem unir-se novamente à natureza a partir do uno-primordial. Segundo Nietzsche, o estado de embriaguez provoca a libertação do homem de um estado de limitações e individuações que o separavam da natureza:

Agora o escravo é homem livre, agora se rompem todas as rígidas e hostis delimitações que a necessidade, a arbitrariedade ou a "moda impudente" estabeleceram entre os homens. Agora, graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido rasgado e, reduzido a tiras, esvoaçasse diante do misterioso Uno-primordial. Cantando e dançando, manifesta-se o homem como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a andar e a falar, e está a ponto de, dançando, sair voando pelos ares. De seus gestos fala o encantamento. (NIETZSCHE, 1992, p. 31)

Além disso, Nietzsche diz que com a embriaguez dionisiaca, “[o] homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial, revela-se aqui sob o frêmito da embriaguez. (NIETZSCHE, 1992, p. 31) Tudo, então, dentro do processo de criação da arte trágica passa pela vontade de poder, que, como uma luta de forças opostas que, em meio à guerra permitem momentos de reconciliação, acabam caracterizando-se como um devir da vida. Assim, a arte trágica é um devir que obedece, em certa medida, o movimento da vida. Pois, se com o sonho apolíneo se constrói figuras e imagens limitadas à medida do artista, a embriaguez destrói tal criação e liberta o homem destas limitações e regras unindo-o com a natureza de forma com que ele mesmo seja, agora, a própria arte, sendo capaz, então de elevar-se como a um deus. (NIETZSCHE, 1992)

Desse modo, a arte criada a partir do sonho e da embriaguez, é uma arte fisiológica. Esta arte seria uma espécie de manifestação da própria natureza através do artista. Ora, o



LIMA DA SILVA, A. J.

artista, de acordo com Nietzsche, é um tipo de imitador da natureza que através dos impulsos antagônicos, seria capaz de criar, bem como Nietzsche diz:

Até agora examinamos o apolíneo e seu oposto, o dionisíaco, como poderes artísticos que, *sem a mediação do artista humano*, irrompe da própria natureza, e nos quais os impulsos artísticos desta se satisfazem imediatamente e por via direta: por um lado como o mundo figural do sonho, cuja perfeição independe de qualquer conexão com a altitude intelectual ou a educação artística do indivíduo, por outro lado, como realidade inebriante que novamente não leva em conta o indivíduo, mas procura inclusive destruí-lo e libertá-lo por meio de um sentimento místico de unidade. Em face desses estados artísticos imediatos da natureza todo artista é um "imitador", e isso quer como artista onírico apolíneo, quer como artista extático dionisíaco, ou enfim - como por exemplo na tragédia grega - enquanto artista ao mesmo tempo onírico e extático: a seu respeito devemos imaginar mais ou menos como ele, na embriaguez dionisíaca e na auto-alienação mística, prosternar-se, solitário e à parte dos coros entusiastas, e como então, por meio do influxo apolíneo do sonho, se lhe revela o seu próprio estado, isto é, a sua unidade com o fundo mais íntimo do mundo em uma imagem similiforme de sonho. (NIETZSCHE, 1992, p. 31-32)

Aqui podemos já finalizar nosso debate ao compilar o seguinte: a arte trágica não é uma ferramenta da lógica. A arte trágica não está presa a formalidades ou técnicas científicas que lhe imprimem em grau e nível apenas o título de produção racional do intelecto do homem. A arte trágica é uma forma natural de criação, pois seus princípios nada são senão impulsos naturais que manifestam-se no homem, e imprimem-lhe a condição de "imitador" da natureza. Na arte ática da tragédia, homem e natureza vivem em harmonia, vivem em comunidade, são um só. Isso, com certeza, é o que seduziu Nietzsche a retornar aos gregos e foi, também, o que o levou a determinar que os gregos são nossos luminosos guias. Posto isso, chegamos ao nosso objetivo, e podemos dizer que para os gregos da época da tragédia, vida, arte e devir estão conectados e que a arte, nessa época é, sobretudo, fisiológica, e, portanto, viver só era uma espécie de fenômeno artístico.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos neste artigo a origem da tragédia, e foi visto que Nietzsche a considera como uma arte afirmadora da vida. Nosso intuito foi justificar a famosa frase de Nietzsche, em *O Nascimento da Tragédia*, que diz: “só como fenômeno estético a existência e o mundo justificam-se eternamente”. Desse modo, traçamos um debate que perpassou dois importantes momentos, a saber: 1) a origem da arte trágica a partir dos dois princípios naturais apolíneo e dionisíaco. O debate acerca de como estes dois princípios formam a arte trágica nos levou por um caminho que exigiu que fosse demonstrado, então, a importância de se compreender a dinâmica antagonica e alternante que envolve estes dois princípios.

Com isso, constatou-se que a arte trágica não possuía como predominante um princípio, no caso o apolíneo, contudo, a arte trágica é uma composição dualista, em que, quer o apolíneo quer o dionisíaco, possuem seu devido papel. O papel do apolíneo é o de criar as belas artes, belas formas, de impor a medida do artista às forças cegas da natureza, e a partir de Apolo, nome grego para designar o princípio apolíneo, a arte e os deuses olímpicos foram criados. E seu intuito foi de servir como suporte aos gregos na tentativa de sublimar o lado sombrio da vida: a inevitabilidade da morte.

O segundo momento perpassou por três conceitos importantes, a saber: vida, devir e arte. A intenção desse segundo momento foi dizer que Nietzsche vê estes três conceitos como entrelaçados pelo conceito de vontade de poder. Ou seja, tanto a vida tanto a arte possuem características do devir. Como isso foi posto em debate? Partimos do seguinte pressuposto: o movimento dinâmico e alternante que envolve forças opostas, na qual Nietzsche chama de vontade de poder estaria nas entrelinhas da vida e da arte fundando-as e determinando-as.

Posto isso, a vida seria uma série de sucessões e alternâncias configuradas como transitoriedade e movimento. Nesse sentido, a melhor forma de se pensar a vida seria em oposição ao que o pensamento metafísico tradicional determinou como vida: ela aceitaria valores superiores e eternos e estaria regulada por tais ideias e conceitos. Assim, portanto, com a vida e a arte sendo pensados e descritos a partir do devir, a maneira de vê-los muda. A



LIMA DA SILVA, A. J.

vida passa a ser pensada como contingência e movimento, nada seria eterno a não ser o próprio fato de que tudo muda sempre; a arte seria uma forma fisiológica de afirmação da vida, não mais uma ferramenta da razão com fins contemplativos e ascéticos, e a arte trágica como arte afirmativa, torna-se a justificativa fisiológica para a vida, uma vez que ela mesma une o homem à natureza através da embriaguez, e ela, a arte ática, ao possuir o mesmo movimento de transitoriedade da vida, acaba sendo sua maior incentivadora. Nessa perspectiva, nosso objetivo foi alcançado, pois, vida, arte e devir descritos e relacionados foram capazes de justificar o porquê “só como fenômeno estético a existência e o mundo são justificados eternamente”.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Wellington Lima.; DO NASCIMENTO, Valter. VIDA E SOFRIMENTO EM NIETZSCHE. Revista Húmus, [S. l.], v. 6, n. 18, 2017. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/6330>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- BARRETO, Ana Cláudia Gama. Sobre o “conceito” de vida no Nascimento da Tragédia. TRÁGICA: *Estudos de Filosofia da Imanência*, v. 4, n. 2, 2011.
- CASTRO, Cláudia Maria de. A inversão da verdade: notas sobre O nascimento da tragédia. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 49, p. 127-142, 2008.
- DELEUZE, G. *Nietzsche*. Trad. De Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 1994.
- DIAS, Rosa Maria. Arte e vida no pensamento de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, v. 36, p. 227-244, 2015.
- MACEDO, Iracema. Nietzsche, Bayreuth e a época trágica dos gregos. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 46, p. 283-292, 2005.
- MACHADO, Roberto (Ed.). *Nietzsche e a polêmica sobre o nascimento da tragédia*. Zahar, 2005.
- PASCHOAL, Antonio Edmilson. *A dinâmica da vontade de poder como proposição moral nos escritos de Nietzsche*. Campinas: Unicamp, 1999.



LIMA DA SILVA, A. J.

PEREIRA, Camilo Lelis Jota. Nietzsche e a fisiologia da arte. *Cadernos Nietzsche*, v. 36, p. 177-200, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *A visão dionisiaca do mundo*. São Paulo: Martins, 2005.

_____, *Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Nova Fronteira, 2011.

SANTOS, Maria Carolina Alves dos. A lição de Heráclito. *Trans/Form/Ação*, v. 13, p. 01-09, 1990.

WEBER, José Fernandes. A teoria nietzscheana da tragédia. *Trans/Form/Ação*, v. 30, p. 205-223, 2007.

Recebido: 27/03/2023

Aprovado: 04/04/2023